

O Jornalismo impresso enquanto instrumento pedagógico: a publicação da revista In Loco em Vilhena RO¹

Daiani L. Barth²

Leoní Serpa³

Thales Henrique Pimenta⁴

Universidade Federal de Rondônia, Vilhena, RO

Resumo

Este trabalho objetiva a reflexão pedagógica no ensino do jornalismo através de produto impresso experimental. Trata-se da execução da revista In Loco, cujos temas versam sobre assuntos de caráter regional no contexto do Cone Sul rondoniense. Discute-se o jornalismo impresso como base no ensino, as implicações pedagógicas do ponto de vista de professores de jornalismo, bem como sua importância na formação de uma cultura local de boas práticas de jornalismo no contexto amazônico.

Palavras-chave: Revista; Ensino Jornalismo Impresso; Rondônia

O Jornalismo nasce impresso

Mesmo à passagem do tempo não desaparecem as marcas do fazer profissional que tem suas bases na história da evolução da escrita e, por conseguinte, do próprio jornalismo impresso. Remetendo-nos à história e nos reportando ao século XX encontramos o auge de seu prestígio e popularidade. Pesquisas da época chegaram a registrar que um em cada dois norte-americanos adultos lia jornais. Assim referenciamos a então era moderna, chamada “da Informação”. Historiadores definem que a partir do final do século XIX, até meados do século XX, os jornais vivenciaram uma verdadeira “era de ouro”. E desde então, com o surgimento do rádio e depois da TV no século XX até enfim chegarmos à *internet*, tem se acelerado a perda de sua hegemonia dentro da esfera comunicacional.

Na luta pela sua sobrevivência, há quem defenda que é necessária a reinvenção do impresso e, também, quem já o considere fadado ao desaparecimento. O propósito deste trabalho não se dilui nessa discussão, especificamente, mas sim em algumas possibilidades

¹ Trabalho apresentado no GP Jornalismo Impresso, XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Jornalista e doutoranda em Comunicação e Sociedade (UnB). Professora do curso de Jornalismo, Universidade Federal de Rondônia – Unir/campus Vilhena. E-mail: daiani.barth@gmail.com

³ Jornalista e mestre em História (UPF). Professora e coordenadora do curso de Jornalismo, Universidade Federal de Rondônia – Unir/campus Vilhena. E-mail: leoni.serpa@gmail.com

⁴ Jornalista e mestre em Ciências da Comunicação (UNISINOS). Professor do curso de Jornalismo, Universidade Federal de Rondônia – Unir/campus Vilhena. E-mail: thales@live.it

pedagógicas atribuídas ao jornalismo impresso na preparação de futuros jornalistas, o que permite tecermos considerações acerca do ensino de Jornalismo, especialmente no cenário regional do interior de Rondônia.

No texto “*Newspapers and thinking the unthinkable*”, Shirky (2009) escreve sobre os desdobramentos sociais e econômicos da *internet* e das tecnologias de informação e de comunicação, onde o velho modelo de jornal impresso estaria falido. O autor, ao questionar o que poderá funcionar em seu lugar, responde que o cenário contemporâneo converte-se em período de experiências onde antigas práticas podem funcionar de forma diferente. De qualquer modo, ressalta que o trabalho dos jornalistas de mídia impressa ainda é fonte de informação pelos demais, desde políticos até blogueiros. Em sua reflexão é possível aferir que as sociedades do século XXI não precisam de jornais, em si, mas de jornalistas. E daí emerge a necessidade de fortalecimento do jornalismo.

Esse debate tem suscitado discussões para além do meio acadêmico. Em congresso realizado recentemente em São Paulo, o eixo temático de jornalismo impresso fez parte dos painéis de debates. De acordo com Pimenta (2015), a posição de três jornalistas brasileiros, dirigentes editoriais dos maiores jornais impressos do país, evidencia que a sobrevivência dos jornais impressos depende da diversificação de conteúdo e produtos a serem ofertados para o público além da própria notícia, o que também abrangeria a edição de coleções de livros, por exemplo. E discorre:

Assim como no resto do mundo, os jornais brasileiros admitem que o fim do jornal de papel tal como conhecemos hoje é uma questão de tempo – quando ninguém sabe. Para especialistas na indústria da mídia, o fim do impresso está diretamente relacionado a um indicador, o chamado CPM, ou custo por mil leitores (no impresso ou digital) para o anunciante. Um artigo desta repórter para o Observatório descreveu um diálogo recente entre Margaret Sullivan, editora pública (cargo equivalente a ombudsman) do NYT, e o pensador Clay Shirky sobre o declínio da mídia impressa. Professor da Universidade de Nova York (NYU), em 2009 Shirky escreveu um artigo de fôlego a respeito. Em sua coluna, Sullivan argumentava que hoje 70% de todo o faturamento do Times vem do jornal impresso, seja na forma de vendas avulsas, assinaturas ou publicidade. E ela citava dois editores executivos do jornal – Roland Caputo e Dean Baquet – para quem o impresso continuará de pé por pelo menos mais uma década (PIMENTA, 2015).

Do ponto de vista de Meyer (2007), no passado vários fatores fizeram com que o jornalismo funcionasse como um negócio e, neste momento, o desafio está em manter “o que pode continuar a fazê-lo funcionar em meio às mudanças tecnológicas do presente e do futuro” (MEYER, 2007, p. 13). Dessa maneira, o autor nos atenta para a qualidade das

publicações sugerindo que os jornais não podem mais ser administrados como antes, o que “exige sairmos da caixa da tradicional administração dos jornais” (2007, p. 229) cruzando formatos, suportes e canais pelos quais essas mídias façam sentido como produtos. E exige ainda um repensar do ensino de Jornalismo com ênfase para o desenvolvimento da prática jornalística, afinal o jornalista recém-formado necessita de habilidades que vão muito além da escrita do texto. Nesse sentido o autor faz uma sugestão:

A edição aumenta de importância em relação à reportagem. Os mais bem-pagos recém-formados em faculdades de jornalismo hoje são *Webslingers*, jovens capazes de criar o design o empacotamento de interfaces para exibir a informação, além de construir os *hiperlinks* que integram todos os elementos. Na turma de formandos em jornalismo de 2001, quem trabalhava com publicações *on-line* ganhava em média US\$33.500 por ano, contra US\$ 25.896 dos que começavam em jornais. (MEYER, 2007, p. 242-243)

Essa versatilidade profissional pode ser alcançada se o aluno, amparado por noções e conhecimentos teóricos sobre a esfera comunicacional, ingressar na prática jornalística a fim de se construir como profissional e contribuir para alcançar qualidade nas publicações das quais participe, o que também contempla as suas próprias experiências no âmbito do consumo de mídias e nos contextos sociais e culturais onde atua.

Circunstâncias e panorama pedagógico

Não é excessivo lembrar que durante as primeiras décadas do século XX, quando ainda não havia uma formação universitária em jornalismo no Brasil, pessoas formadas em cursos como Letras e Direito ou simplesmente poetas, isto é, pessoas com conhecimentos e facilidade de escrita, assumiam o papel de jornalistas. Alguns exemplos dessa época são João do Rio, Olavo Bilac e Cásper Líbero, entre outros. É fato que o ensino de Jornalismo no Brasil nasce tardiamente, como as demais áreas do conhecimento: cerca “de meio século nos separa das iniciativas pioneiras na Europa e nos Estados Unidos” (MELO, 2004, p. 78). Tardio acaba sendo ainda o desenvolvimento, “principalmente se lançarmos um olhar para sua estrutura geográfica-política-econômica, devido à sua extensão territorial e às variedades culturais e educacionais” (SERPA; COLFERAI, 2015). E assim observamos que algumas realidades engatinham, outras se espriam e muitas ainda estão em processo de construção.

A articulação entre teoria e prática é fundamental no processo de ensino-aprendizagem, fomentado pela vivência de uma redação jornalística experimental, com a intenção de reproduzir a realidade. No caso da graduação em Jornalismo oferecida pela Universidade Federal de Rondônia (Unir), campus Vilhena, esta prática é realizada no final do curso, através do planejamento e execução da revista *In Loco*. Com a possibilidade prática do jornalismo impresso, os alunos aprimoram o estilo de escrita, a prática de apuração de informações para reportagens especiais, o fotojornalismo e a montagem (diagramação do conteúdo), essenciais na construção de uma revista experimental do curso.

O que ocorre é que muitas vezes o estudante depara-se com alguns percalços, tais como ter de rever material fotográfico, checar informações, buscar incluir nomes e sobrenomes dos entrevistados corretamente, assim como será descrito posteriormente. Importa lembrar o que Martins elenca: “Nem profissional demais para repetir vícios da mídia impressa e nem amador demais para deixar de praticar jornalismo sério, esse veículo tem como bases de sobrevivência a experimentação e a inovação, atributos indispensáveis para a formação do egresso dos cursos de Jornalismo” (2012, p. 88)

A função educativa do trabalho é, portanto, visível. E nota-se a importância da integração e trabalho em grupo dos estudantes. O benefício social de uma iniciativa como essa é inquestionável no contexto de Vilhena e região. Outra questão é que, embora haja um padrão de jornalismo construído ao longo dos anos, é na prática experimental que surge um espaço para a criação e teste de novas tendências, aliadas, como no caso da revista *In Loco*, para a prática do jornalismo regional. Esta, aliada ao contexto de uma região com referências identitárias locais a serem ainda construídas.

A “mão na massa” – Revista *In Loco*

Com vistas à prática do jornalismo impresso no âmbito do curso, no campus Vilhena, é que surgiu no ano de 2013 a ideia de realizarmos a primeira edição da revista *In Loco*. O desafio era e continua grande, pois não disponibilizávamos de recursos financeiros e técnicos para a sua realização. Os alunos aceitaram o desafio de produzir a revista em 10 semanas. Desde o início, deveria ficar claro para a turma que o projeto só sairia do papel com a participação de todos, sendo que os alunos foram avaliados desde o ponto de vista individual até sua participação e colaboração no grupo. Para sua execução, as atividades foram planejadas através do cronograma da disciplina, em consonância com as Diretrizes

Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo “(...) privilegiar a participação ativa do aluno na construção do conhecimento e a integração dos conteúdos (Art. 2, Resolução N° 1, de 27 de setembro de 2013).

Em 2015, a ideia repetiu-se com o planejamento e execução da revista *In Loco*, também na disciplina Planejamento Gráfico em Jornalismo II, a ser confeccionada pela turma, porém, dessa vez, podendo ser realizada durante o semestre, ou seja, em 20 semanas. Dentro das fases do projeto gráfico-editorial, devemos reconhecer que o mesmo foi elaborado sem o apoio de um técnico laboratorista por exemplo, uma vez que o curso não dispõe de um laboratório adequado às necessidades do curso, nem menos do trabalho de, por exemplo, um diagramador técnico responsável. Entretanto, esses fatores não poderiam ser obstáculos para sua criação, onde o que se solicitou foi planejar graficamente o produto jornalístico impresso, de maneira criativa, colhendo dados e hierarquizando informações de forma a ajustar-se aos princípios do jornalismo.

Dessa forma, as edições deveriam constar de capa com cabeçalho, logotipo da publicação e tema central da revista; chamadas internas das matérias e edição; editoriais; formato padronizado (no que diz respeito a tamanho, margens, quantidade de colunas); editorial e expediente; reportagens escritas pelos integrantes da turma, realização de fotografias e/ou ilustrações, com os créditos de autoria. Por fim, a criação de um estilo próprio para cada edição da revista, a fim de utilizar de forma harmônica a família de fontes, alinhamento, recuos, capitulares, entrelinhas de cada edição.

Algo que ficou sempre explícito é o envolvimento dos alunos matriculados na disciplina de Planejamento Gráfico em Jornalismo II. A dinâmica das atividades durante a execução da revista seguiu a partir de aula inicial com sugestão de pautas e temática para a edição; em seguida realizou-se a aula onde definimos um grupo de alunos responsável pela produção de textos, outro por fotografias e outro para desenho gráfico das páginas, além dos editores. A divisão de atividades foi realizada de forma direta, onde cada aluno escolheu a função que desejaria desempenhar, de acordo com suas aptidões. Paralelas a essa divisão de cargos eram também realizadas as primeiras reuniões de pauta, que se estenderiam durante a realização das revistas e teriam como premissa a apresentação de uma ou mais sugestões de pauta.

O próximo passo dessa dinâmica foi definir repórteres, fotógrafos e diagramadores responsáveis por cada pauta. Dessa forma, os fotógrafos e os repórteres iam para as ruas, procuravam fontes, apuravam informações, produziam os textos, captavam e organizavam

fotografias para a revista com um prazo máximo de duas semanas para terminarem o seu trabalho e enviá-lo aos editores. Enquanto isso, diagramadores permaneciam no laboratório ou, ainda, utilizavam com recorrência seus próprios computadores com software In Design⁵ mais avançado e amigável para a prática de diagramação, tendo em vista as dificuldades de equipamento descritas anteriormente. Para garantir a dinâmica semanal de atividades, os alunos editores deveriam revisar as reportagens e propor seus títulos e subtítulos antes de enviar todo o material para os diagramadores, bem como entregar um relatório semanal das atividades da turma para os professores responsáveis.

A avaliação, como descrito anteriormente, foi realizada de maneira individual e em grupo. Para o projeto ser realizado, os alunos deveriam vivenciar o trabalho em equipe que ocorre nas redações de forma integrada e solidária. A avaliação individual envolveu os critérios de cumprimento de prazos, participação no projeto e responsabilidade. No final, o cronograma também previa uma data final para terminar o projeto e exportar o arquivo em formato Adobe PDF a fim de ser disponibilizado online⁶, uma vez que não tínhamos a possibilidade de publicação das mesmas devido a altos custos das gráficas da região.

Tema das edições: propostas com vistas a função social do Jornalismo

A proposta da revista é tratar de um tema específico que oriente todas as reportagens, abrangendo pautas que se relacionem com a cidade de Vilhena e a região do Cone Sul de Rondônia, de forma a consolidar a prática do jornalismo regional. O enfoque das edições surgiu em aula estilo *brainstorm* onde professores e alunos foram sugerindo temas que depois foram votados pelos participantes.

Na primeira edição o tema geral escolhido foi o de *meio ambiente*, com relevância e função social ao levarmos em conta que Vilhena, considerada uma das cidades com melhor Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) da região Norte do país, enfrenta inúmeras dificuldades de preservação ambiental.

⁵ O InDesign é um editor de texto que a empresa Adobe criou em 1999. Gradualmente ele foi substituindo outro programa, o PageMaker, que reinou absoluto nas redações até a versão 7.0. Antes também existia o QuarkXPress, de 1987, da empresa Quark, Inc. Muitas pessoas editam jornais também no programa Corel Draw, mas este tem a função de criar vetores, marcas, sendo amplamente utilizado em publicidade e propaganda. O InDesign permite a melhor organização modular das páginas, ou seja, sua divisão em parcelas funcionais, ocupadas por elementos compostos tais como título, texto corrido, imagem. Além de racionalizar o espaço, facilita a ordem do processo produtivo.

⁶ Importa mencionar que as edições são construídas de forma a serem apresentadas no formato impresso. Com a falta de recursos para a publicação, a plataforma digital surge como alternativa para a divulgação do trabalho dos alunos. As edições estão disponíveis no site do departamento de Jornalismo (www.dejor.unir.br) e na plataforma Youblisher: Edição 2015: <http://www.youblisher.com/p/1177979-Revista-In-LoCo-2015/> Edição 2013: <http://www.youblisher.com/p/717660-Revista-In-LoCo-2013/>

Em 45 dias de trabalho os alunos do 5º e 6º semestre do curso foram divididos nas funções descritas anteriormente de repórteres, editores e diagramadores. A edição especial sobre o eixo temático trouxe reportagens sobre a utilização da bicicleta como um meio de transporte alternativo em Vilhena e alimentação com produtos sem agrotóxicos, o que mostrou a situação dos alimentos orgânicos na região.

A reciclagem de lixo na cidade e a instalação de aterro sanitário, demandas ainda em plano técnico, foram os assuntos de outras reportagens, além do recorrente desmatamento ambiental nos meses de seca no centro-oeste, sudeste e norte do Brasil. A matéria principal da edição tratou da prática das queimadas nos meses de seca na região. Com o mesmo enfoque, também a aplicação do código florestal foi abordada além da inexistência de sistema de saneamento básico na cidade. A edição foi finalizada com bons exemplos de educação ambiental nas escolas vilhenenses. Abaixo, a capa da primeira edição:

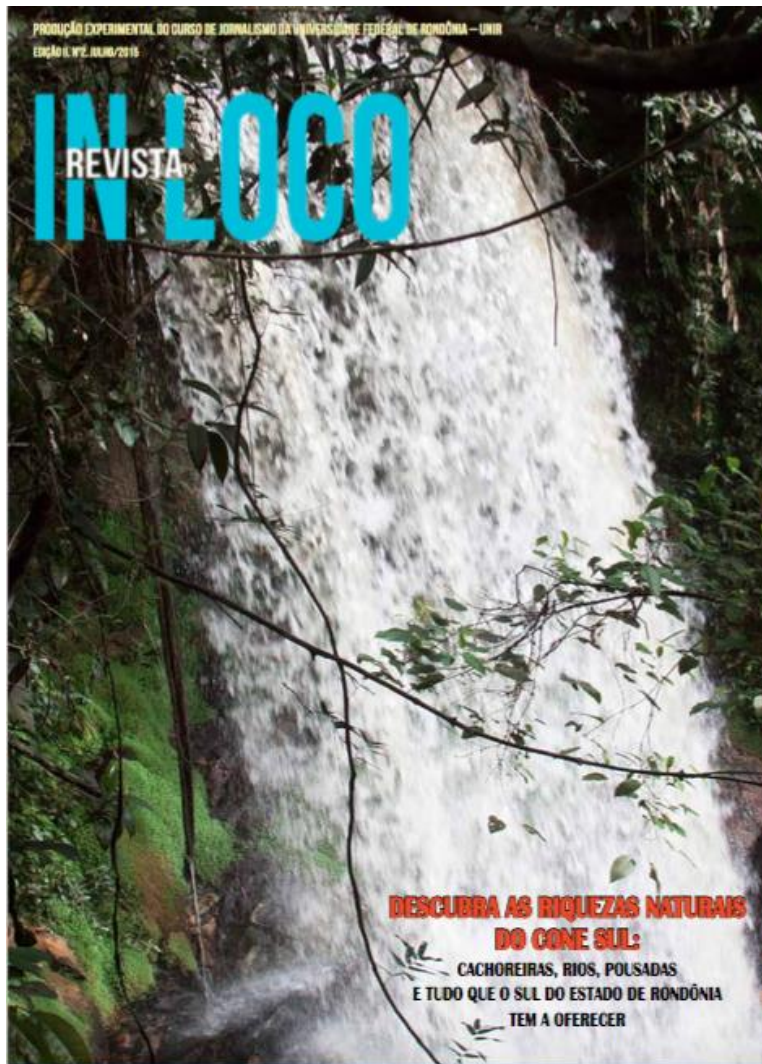


Capa revista In Loco (2013)

Na segunda edição, ocorreu semelhante proposta e o tema escolhido através da técnica de *brainstorm* foi turismo e lazer. Importa ressaltar, novamente, a função social da prática jornalística do ponto de vista econômico e identitário local, pois a prática turística na região nem mesmo é consolidada e não há, por exemplo, agências que agendem passeios pela região ou um roteiro turístico a ser colocado em prática. Nem mesmo os moradores conhecem algumas das atrações, entre elas a própria Cachoeira das Araras, completamente desconhecida – e também abordada na edição, inclusive como tema de capa.

Nesta revista, portanto, iniciamos com uma matéria contextual sobre o estado de Rondônia e a região do Cone Sul com alguns aspectos históricos e a utilização do recurso infográfico demonstrando o mapa geográfico do estado, destacando os municípios retratados nas reportagens e vias de acesso. Seguindo na ideia de contextualização, a primeira reportagem apresentou a situação atual da Casa de Rondon, com enfoque de cunho histórico-cultural. Na sequência, as reportagens trataram de música clássica em Vilhena e a prática de trilhas de *bike* na região.

As reportagens posteriores apresentaram atrações naturais como as cachoeiras da região, Lagoa Azul e as atividades dos municípios do Vale do rio Guaporé, com enfoque para a centenária festa do Divino, que ocorre anualmente. A edição também trouxe opções de pesqueiros, balneários e feirinhas de artesanato e outros itens para os visitantes e moradores da região. Por fim, como opções de entretenimento, foram abordadas as festas e casas noturnas de Vilhena, bem como a edição mensal de evento que reúne os artistas da região, chamado Noite da Seresta. Na sequência, a capa da segunda edição:



Capa revista In Loco (2015)

Percalços e experiência na trajetória de execução de produto jornalístico experimental

Como primeira atividade prática dos alunos do curso no que tange ao jornalismo impresso, é importante relatar e refletir acerca da experiência pedagógica do ponto de vista dos professores. Um desafio que emerge como importante experiência é a saída para a apuração e captação de informações para as matérias. Dessa forma, apareceram as dificuldades em entrevistar pessoas e ainda realizar fotografias razoáveis para uma revista impressa, isto é, retornar para a redação com o material necessário, incluindo os nomes completos das pessoas entrevistadas, por exemplo. Houve obstáculos ainda na captação de informações junto às fontes oficiais, que nem sempre estiveram disponíveis para atender aos alunos ou mesmo sabedoras das informações solicitadas por estes.

Outro percalço da trajetória é a vivência de pautas que foram ou mesmo matérias que, depois de prontas, tiveram de ser removidas da edição⁷. No material fotográfico surgiu a questão de utilização de fotografias de arquivo, que deveriam estar com os créditos de autoria e devidas autorizações para publicação. Mas por vezes é a meteorologia que pode não ajudar. Na ideia de flagrar a prática de queimadas, na primeira edição, foi necessário esperar até o mês de agosto para que os repórteres pudessem encontrar mais focos de incêndio, que infelizmente acontecem. Já nas atrações turísticas, como tema da segunda edição, o período de chuvas afastou alguns frequentadores dos locais: assim, foi necessário visitá-los em mais de uma oportunidade para realizar fotografias e entrevistas.

No decorrer da prática docente também vamos sendo lembrados de que a formação acadêmico-profissional dos discentes se dá em função não só das atividades pedagógicas ou da *exemplaridade* extraída dos lugares que ocupamos dentro do jornalismo, mas, sobretudo, dos trajetos (históricos) que eles vêm percorrendo como sujeitos comunicantes. É neles que encontramos “o contexto das relações tecidas entre os meios de comunicação e o seu público”, entendendo as “lógicas que atravessam tanto as posições quanto os exercícios de subjetividade do sujeito comunicante e estabelecem os lugares que ele ocupa – ou pode ocupar – nesse cenário de midiaticização” (PIMENTA, 2014, p. 127). Levamos esse dado em conta porque o ensino-aprendizagem da prática jornalística também exige uma mobilização de *competências midiáticas* (PEDROSO, 2011) já desenvolvidas e compartilhadas pelos alunos no âmbito da recepção. E isso compreende os seus conhecimentos sobre formatos, gêneros, técnicas etc. que constituem os diferentes sistemas do campo comunicacional. Tais experiências de recepção se inscrevem como *marcas* na relação dos sujeitos com as mídias permitindo que avaliem, comparem, critiquem e desenvolvam suas próprias determinações e atitudes (em grupo ou individualmente) fluindo a comunicação de outras maneiras, então é sempre reducionista pensarmos que os cursos de jornalismo são um princípio da formação profissional, como se anos de cultura midiática passassem longe dela.

Se por um lado isso quer dizer que os discentes carregam consigo um repertório de competências e saberes sobre o campo comunicacional e seus diferentes sistemas, entre eles o jornalístico, ocorre ainda que as marcas dessa *cultura midiática* (MATA, 1999) têm muito a nos dizer, por exemplo, sobre a relação dos alunos com os meios de comunicação locais e regionais. Nosso trabalho docente acontece no ocidente da região amazônica, onde se deu não somente a maior queima de biomassa da história mundial (SILVA *et. al.*, 2014), mas,

⁷ Na segunda edição da revista uma reportagem sobre o cinema na cidade de Vilhena teve de ser suprimida uma vez que houve um incêndio onde este funcionava, durante o semestre.

também, uma série de conflitos étnico-raciais, violações de direitos trabalhistas e crimes de lesa humanidade, tudo isso com amplo suporte dos meios de comunicação que existem no contexto. Do macro para o micro, essa ambiência comunicacional vivida pelos discentes se reflete em suas competências midiáticas e afeta até mesmo o nível técnico de seus fazeres jornalísticos no âmbito do curso (ex.: na primeira edição da revista *In Loco*, alguns textos dos alunos sobre catástrofes ocorridas no Cone Sul tendem a um arranjo de aspectos dos eventos que enfatiza os *impactos ambientais* em detrimento dos *sociais*, o que exigiu certo esforço de desconstrução desses enquadramentos pré-estabelecidos; na segunda edição, por sua vez, a execução de pautas sobre os espaços de sociabilidade do Cone Sul resultou em angulações de caráter comercialista que, antes de reformuladas, entravam em conflito com as características elementares de uma *reportagem*, onde somos apresentados em perspectiva macrossocial aos objetos e/ou sujeitos da narrativa jornalística).

De um lado, percebemos certa predominância de enquadramentos que privilegiam a literalidade narrativa, algo habitual em se tratando de como são construídos e lembrados os acontecimentos da região amazônica, havendo pouco entendimento das notícias como narrativas sobre fenômenos de historicidade e amplas relações causais. De outro, os textos dão a ver um distanciamento dos alunos em relação ao público e ao contexto do qual falam, o que é marca de como o jornalismo regional recria o espaço público: sem tanta atenção aos processos de participação que constituem o vínculo dos sujeitos com as mídias. É evidente que esses são apenas alguns dos aspectos observáveis na prática jornalística dos discentes, não sendo por isso uma vista geral sobre como as suas competências se formam no contexto do Cone Sul ou da Amazônia Ocidental, mas, ainda assim, os regimes de visibilidade e a seleção de autoridades narrativas da região exigem que o professor de jornalismo, além de coordenador dos processos de ensino-aprendizagem, seja também um *agente de circulação informacional* (BRAGA, 2006), isto é, um sujeito que interrompe, amplia ou instala fluxos de informação para que os discentes tenham como visualizar e também colocar em prática outras formas de narrar o visto, vivido e ouvido.

Trata-se de um esforço paradoxal para o docente da área, pois isso exige que ele vá diversificando as referências de formação jornalística dos alunos sem, no entanto, apagar ou secundarizar aquilo que está presente em seu próprio contexto, incluindo aquelas formas de conhecimento que só encontram *aceitação* no meio acadêmico-científico enquanto *objetos de pesquisa* (ex.: os saberes populares e humanísticos; as cosmovisões nativas). Daí o fato de tentarmos estabelecer outras relações entre o *local* e o *global*, por exemplo, ou trazermos

referentes de prática jornalística que digam respeito a transformações vividas em diferentes cenários de midiatização. E esse esforço tem grande incidência em disciplinas como as de Planejamento Gráfico I e II porque, muito além de deslocar os discentes das posições que ocupam, também dá lugar a outras formas de ordenamento das informações, incluindo aqui os processos de editoração e definição das características básicas de cada um. Nesse sentido é que são desfeitas as hierarquias pré-estabelecidas de temáticas, ângulos, enquadramentos e, até mesmo, fontes usualmente ouvidas. Esses elementos muitas vezes se *condensam* em uma ou outra editoria por motivos ideológicos, comerciais e políticos embotando a prática jornalística como potência de criação e redescobrimto do real.

Não que essa mobilização crítica das competências de cada estudante seja capaz de incidir radicalmente no *status quo* da prática jornalística regional, visto que até mesmo as tentativas de inserção dos graduandos em estágios supervisionados ou empregos formais se condicionam à necessidade de credenciais como a *posição social* ou a *família* – algo ainda predominante em decorrência da cultura corporativa e desenvolvimentista sobre a qual está fundamentada essa ambiência comunicacional. Mesmo assim, no que diz respeito a algumas dimensões essenciais do jornalismo e da comunicação como um todo – entre elas o próprio domínio dos discentes sobre as implicações da comunicação gráfica – esse esforço tem sua significância porque fomenta um jornalismo com potencial de trazer os sujeitos da recepção para dentro do campo, colaborando com as suas competências de leitura e entendimento de imagens. E tendo em vista que os processos de midiatização contemporâneos dão lugar de ainda mais destaque para o imagético, o performático e outras formas de materialidade, tal como explica Maldonado (2001), demandando formas de uso e apropriação distintas para o entendimento da arena pública como acabam corporificando, o desafio que em certa medida assumimos nas disciplinas foi o de colocar ambas as turmas em frequente confronto com os modelos tradicionais e regionais de prática jornalística desde os processos de captação e de edição até as etapas de pós-produção da revista, sempre recorrendo a casos e produtos do campo para ilustrar as carências, mudanças e crises do mesmo.

Para explicar o sentido da reportagem como gênero jornalístico e desvincular de seu entendimento entre os discentes tanto as lógicas publicitárias como a literalidade narrativa, em vez de voltarmos à discussão do que seria uma *ordem discursiva* e as outras dimensões fundantes do conceito de *gênero jornalístico*, por exemplo, selecionamos alguns textos jornalísticos – entre eles “A mulher que alimentava”, de Eliane Brum (2008) – para pensar

a reportagem em laboratório como uma forma de descobrimento sobre a realidade, até mesmo quando esta talvez já nos seja familiar. Foi nesse sentido que uma das reportagens escritas em lógica de *press release*, por exemplo, voltou para as nossas mãos com um olhar em certa medida antropológico sobre as diferenças, os contrastes e os cenários frequentados pelos grupos que definem as formas de sociabilidade do Cone Sul, o que foi notado pelos próprios estudantes como algo inédito na região quando comparado aos enquadramentos locais sobre lazer e entretenimento.

Considerações finais

Estar em construção parece ser a conjuntura mais apropriada para condizer o curso de Jornalismo da Universidade Federal de Rondônia, UNIR, Campus de Vilhena. As peculiaridades que envolvem o andamento do curso nos permitem, ainda que empiricamente, tendo o olhar observador como exemplar, tecer as seguintes considerações:

- O isolamento geográfico possibilita a não radicação de profissionais, especialmente professores de jornalismo;
- A imprensa que nasce tardiamente no Brasil chega a Rondônia sem procedências e com pouca permanência. Não se estabelece uniformemente e não herda uma cultura midiática aos moldes da grande mídia nacional. Ainda está em construção;
- Na região Norte os cursos superiores de Jornalismo são escassos, concentrados nas cidades de Belém (PA) e Manaus (AM), onde estão instalados 54% dos cursos. Em Vilhena está sediado o único curso público do estado de Rondônia;
- A formação de jornalistas ainda é incipiente, o que mantém um mercado profissional precário e sem formação superior na sua maioria.

Desta forma, ao olharmos para esta conjuntura ainda em construção, podemos inferir que é necessário formar profissionais com olhar abrangente e que a eles seja possibilitado o estudo e o contato com mídias que muitos desconhecem – como é o caso da imprensa, uma vez que a grande maioria dos acadêmicos tem contato apenas com a mídia *online*. Além disso, as edições da revista *In Loco* permitiram ao graduando um contato maior com a realidade local em que está contextualizado, como também possibilitaram ao aluno lidar com problemas reais do cotidiano de uma redação jornalística, assumindo responsabilidades e desenvolvendo seus potenciais de autonomia.

Entendemos ainda que tal realidade e perfil acadêmico também nos permite traçar um perfil sobre o professor que mais se aproxima com esta realidade aqui descrita, ou seja, aquele que estiver disposto a dialogar, entrar em empatia e interagir com esse universo acadêmico. Certamente não será um professor que vire as costas para a realidade da Amazônia, tão diversa das observadas nas demais regiões do país. Assim, entendemos que se trata de construir um ambiente acadêmico capaz de dar respostas às necessidades de formação superior em jornalismo, contribuindo desta forma com a transformação social da realidade onde estamos inseridos. Realidade essa que considere que somos o único curso de Jornalismo instalado em um raio de 700 quilômetros, tendo a capital em Porto Velho, distante 700 quilômetros e Cuiabá, capital de Mato Grosso, distante 780 quilômetros.

Ao lançarmos um olhar atento às Novas Diretrizes de Jornalismo, cujo prazo se expira em outubro deste ano para a sua efetiva implementação nos cursos de Jornalismo, conseguimos compreender que a maioria dos eixos contempla uma aproximação maior com o campo. Além disso, possibilita que possamos fazer a interseção com a realidade regional e local. Desta forma, acreditamos que criar uma matriz curricular que enfatize a base do jornalismo pode contribuir ainda mais para instrumentalização do aprendizado dos alunos da UNIR/Vilhena, tal como já foi descrito e que, sem sombra de dúvidas, contribui com a transformação social desta realidade.

REFERÊNCIAS

BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta sua mídia:** dispositivos sociais de crítica midiática. São Paulo: Summus, 2006.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo.** Resolução N° 1, 27 de setembro de 2013. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=19121&Itemid=866%3E. Acesso em: 10 jul 2015

BRUM, Eliane. A mulher que alimentava. **Época**, 14 de ago. 2008. Disponível em: <<http://goo.gl/9Vp2XR>>. Acesso em: 18 de jun. 2015.

COLLARO, Antonio Celso. **Projeto gráfico.** Teoria e prática da diagramação. 5. ed. São Paulo: Summus, 2000.

MALDONADO, Alberto Efendy. **Teorias da comunicação na América Latina.** São Leopoldo: Unisinos, 2001.

MARTINS, Rafael Barbosa Fialho. O jornal-laboratório como exercício da prática e teoria na formação superior em Jornalismo. **Revista de Ciências Humanas**, vol. 12. Universidade Federal de Viçosa, 2012.

MATA, María Cristina. De la cultura masiva a la cultura mediática. **Diálogos de la Comunicación**, Lima, v. 56, n. 56, p. 80-91, jun./out. 1999.

MELO, José Marques. **Os Primórdios do Ensino de Jornalismo**. In: Revista Estudos em Jornalismo e Mídia. Florianópolis (SC). vol. I Nº 2 - 2º Semestre de 2004. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2074>>. Acesso em: 22/04/2015.

_____. **História do Pensamento Comunicacional**. São Paulo, Paulus: 2003.

MEYER, Philip. **Os jornais podem desaparecer?** Como salvar o jornalismo na era da informação. (Tradução: Patrícia De Cia). São Paulo: Contexto, 2007.

MUNARI, Bruno. **Design e comunicação visual**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PEDROSO, Dafne. A pesquisa sobre recepção de cinema e a construção metodológica do conceito de competências midiáticas. In: MALDONADO, Alberto Efendy et. al. (orgs.). **Metodologias de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos**. Porto Alegre: Sulina, 2011, p. 66-90.

PIMENTA, Angela. Jornal de Debates – Dilemas da Imprensa. **Há luz no fim do túnel dos jornais impressos?** Edição 858, 09/07/2015. Disponível em: <http://observatoriодаimprensa.com.br/jornal-de-debates/ha-luz-no-fim-do-tunel-dos-jornais-impressos/>

PIMENTA, T. H. **Memórias midiáticas da tragédia escolar de Realengo e as suas marcas nas recordações individuais de moradores do bairro carioca**. 243 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola da Indústria Criativa, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2014.

SERPA, Leoní. COLFERAI, Sandro. **Desafios e perspectivas no ensino de Jornalismo no interior da Amazônia: o caso de Vilhena-RO**. Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo. ANAIS: XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte. Data: 28 a 30 de maio de 2015 Local: Uninorte - Manaus – AM. Edição Digital. ISSN: 2177-7861.

SHIRKY, Clay. Edge.org is a nonprofit private operating foundation under Section 501(c)(3) of the Internal Revenue Code. Copyright © 2015 By Edge Foundation, Inc All Rights Reserved. **Conversation: Technology, Newspapers And Thinking The Unthinkable**. Disponível em: <https://edge.org/conversation/newspapers-and-thinking-the-unthinkable>

SILVA, L. R. G. *et. al.* Cinema, meio ambiente e educação: os conflitos socioambientais na representação fílmica de Adrian Cowell. In: GENTILINI, J. A.; VAIDERGORN, J.; SCARLATTO, E. C. (orgs.). **Pesquisas e reflexão em educação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014, v. 1, p. 19-41.